

Anotações preliminares sobre mídia e quadrinhos no Chile (anos 1960-1973)¹

GOMES, Ivan Lima².

UEG/UFF – GO/RJ

Resumo:

Através de um breve levantamento sobre alguns pontos ligados à produção midiática chilena ao longo dos anos 1960 e 1970, pretendemos traçar um panorama sucinto do campo de quadrinhos no Chile. Para tal, destacamos algumas revistas lançadas neste período, bem como a relação entre a produção de quadrinhos estrangeiros com aqueles concebidos no Chile para, em seguida, atermo-nos no nosso objeto de pesquisa – a Editorial Quimantu. Resultado de um processo de estatização promovido no governo de Salvador Allende (1970-1973), sua política editorial se norteava tanto pela comercialização de quadrinhos com temas ligados à cultura chilena quanto pelo incentivo à produção de autores locais. Com isso, suas muitas HQs veiculadas por revistas voltadas para jovens articulavam-se tanto com as preocupações editoriais de sobrevivência em um concorrido mercado de quadrinhos quanto com os debates em torno do que seria considerado nacional ou estrangeiro. Através delas, defendemos ser possível discutir novos temas e objetos, além de estimular debates dentro da historiografia ligada a período de crise da democracia, como foi o processo envolvendo o governo Allende e sua substituição por uma ditadura civil-militar, uma vez que, conforme lembra Jean-Claude Schmitt, as imagens mais comuns e que aparentam não ter nenhum valor, dada sua reproduzibilidade, podem representar aspectos profundos de uma época.

Palavras-chave: Chile (anos 1960 e 1970); Quadrinhos (Chile); Editorial Quimantu.

1. Introdução

A delimitação do objeto para o caso chileno levou em conta a profunda escassez de referências bibliográficas acerca das histórias dos quadrinhos neste país. Por isso, ao lado de obras ligadas ao campo de Comunicação e da História, uma série de artigos escrita por Cristian Eric Díaz Castro para a *Revista Latinoamericana de Estudios sobre la Historieta* serviu de guia central para a delimitação do objeto de estudo deste artigo – a saber, a Editorial Quimantu e suas HQs. Mas, antes de abordá-la diretamente, é necessário escrever algumas palavras sobre a trajetória das publicações em quadrinhos no Chile³.

¹ Trabalho apresentado no GT de Historiografia da Mídia, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

² Professor da Universidade Estadual de Goiás e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista CAPES. E-mail para contato: igomes2@gmail.com

³ Cf. CASTRO, Cristian Eric Díaz. La historieta en Chile (3). *Revista Latinoamericana de Estudios sobre la Historieta*, v. 2, n. 7, set. 2002. p. 153-176. _____. La historieta en Chile (4). *Revista Latinoamericana de Estudios sobre la Historieta*, v. 2, n. 8, dez. 2002. p. 219-239. _____. La historieta en Chile (5). *Revista Latinoamericana de Estudios sobre la Historieta*, v. 3, n. 9, mar. 2003.

2. Aspectos gerais das mídias no Chile

Para abordar o caso chileno, priorizei aqui um balanço bibliográfico a partir de alguma das manifestações culturais presentes na sociedade chilena. Ainda que a bibliografia ligada a uma visão geral mais geral sobre cultura ainda não esteja de fácil acesso para o pesquisador brasileiro – ou mesmo não apresente uma produção elevada⁴ –, todas as obras aqui consultadas apontam em comum o destaque dedicado às artes e à comunicação durante o governo de Salvador Allende (1970-1973) como elementos político-culturais fundamentais para a divulgação da “via chilena para o socialismo”.

Em artigo sobre liberdade de imprensa no Chile, Robert Buckman destaca como a imprensa é importante para compreender a história chilena, tendo participado de acontecimentos importantes como o processo de independência. Seu foco, porém, reside sobre os governos de Salvador Allende e Augusto Pinochet, e a relação destes com a liberdade de imprensa⁵.

Para o período de 1970 a 1973, Buckman destaca que a imprensa tornou-se alvo privilegiado dos interesses políticos de Allende. Desde a luta legal contra órgãos de imprensa oposicionistas, como o jornal *El Mercurio* e as pressões para expropriá-lo ou as constantes averiguações em sua sede à procura de armas ilegais, passando pelas tentativas de nacionalização da indústria de papel e culminando na compra da editora Zig-Zag e sua posterior conversão na Editorial Quimantu – cuja função seria a de “publicar livros de propaganda marxista e outras publicações⁶” –, Buckman parece não poupar de críticas as tentativas de Allende em obter maior controle político sobre a imprensa – ainda que reconheça o papel direto que certos setores desta tiveram na confluência do golpe civil-militar que retirou a Unidad Popular do poder.

Elizabeth Cox ressalta, assim como Buckman, que o governo da Unidad Popular não conseguiu realizar as reformas que almejava, uma vez que não ofereceu um modelo

p. 1-40. Toda esta parte teve como referência, salvo indicações em contrário, o trabalho de Castro citado neste mesmo parágrafo, o qual não faremos seguidas referências para evitar repetições desnecessárias.

⁴ Mesmo se tratando de uma obra de caráter geral, Leslie Bethell indica apenas dois livros diretamente ligados à cultura no período Allende. Obviamente, o projeto lançou mão de outras referências para compor sua discussão bibliográfica. Cf. BETHELL, Leslie (org.). *Chile since independence*. 3ª edição. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 229.

⁵ BUCKMAN, Robert T. Birth, death, and resurrection of press freedom in Chile. In: COLE, Richard (org.). *Communication in Latin America: journalism, mass media, and society*. Wilmington: Jaguar Books/Scholarly Resources, 1996. p. 155-169.

⁶ *Ibid.*, p. 165.

alternativo para as grandes mídias, atendo-se ao controle estatal sobre a indústria e agricultura e à participação dos setores populares na vida política⁷. A ressalva a ser feita está, de acordo com Cox, no fato de boa parte das reformas propostas terem sido limitadas pelo Congresso, controlado por opositores a Allende e favoráveis, por sua vez, às mídias privadas⁸.

Podemos destacar, partindo do mesmo artigo de Cox, o papel das TVs na sociedade chilena. De origem relativamente recente – mas precisamente a partir dos jogos da Copa do Mundo de 1962 – as TVs no Chile estiveram, em seu início, atreladas às grandes universidades. Apenas no governo do democrata cristão Eduardo Frei (1964-1970) iniciaram-se as discussões em torno de uma TV estatal, resultando, em 1969, na Televisión Nacional de Chile (TNC). Seu caráter nacional é ratificado por Salvador Allende que, além disso, autoriza a extensão das transmissões universitárias e cria o Conselho Nacional de Televisão, que conta com representantes dos principais canais de televisão⁹.

A possibilidade de intervenção da Unidad Popular nas TVs foi limitada novamente pelo Congresso majoritariamente opositor – o que não evitou, conforme ressalta Acuña, o uso de canais televisivos para veicular suas ideias, tais como o canal 13, os canais universitários e, obviamente, a própria TNC¹⁰. Com o golpe civil-militar, todos estes canais sofrem controle governamental direto, alterando de forma significativa sua grade de programação.

Todos estes “estudos de caso” revelam como tendência comum nas áreas da cultura e comunicação durante os anos de poder da Unidad Popular a tentativa de popularização de valores e ideias da peculiar experiência socialista chilena por intermédio dos grandes meios de comunicação, elementos fundamentais na difusão e modelação do imaginário social, afinal:

(...) em nenhum caminho da sua história, nem mesmo caminhos da revolução, seja ela “burguesa” ou outra, os homens passeiam nus.

⁷ A nacionalização da editora Zig-Zag, um ano após a chegada de Salvador Allende à presidência do Chile, corrobora esta tese. Cf. COX, Elizabeth. Latin America broadcasting. In: BETHELL, Leslie. *The Cambridge history of Latin America*. Volume 10: ideas, culture and society. 2ª edição. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 548.

⁸ *Ibid.* p. 548.

⁹ *Ibid.* p. 539-540. Também cf.: ACUÑA, Fernando (org.). *Los primeros 50 años de la televisión chilena*. Santiago: Empresa Prender, 2007.

¹⁰ ACUÑA, Fernando. *Op. cit.*

Precisam de “fatos”, de signos e imagens, de gestos e figuras, a fim de comunicarem entre si e se reconhecerem ao longo do caminho. Os sonhos e as esperanças sociais, frequentemente vagos e contraditórios, procuram cristalizar-se e andam em busca de uma linguagem e de modos de expressão que os tornem comunicáveis¹¹.

Ainda que a linguagem que nos interessa seja a dos quadrinhos em especial, parece ser bastante razoável compreendê-los como uma mídia específica que se caracteriza, sobretudo, pela sua larga difusão na sociedade, o que nos traz de volta às motivações do autor em torno do imaginário:

A influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão. Para garantir a dominação simbólica, é de importância capital o controle destes meios, que correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças. É assim que qualquer poder procura desempenhar um papel privilegiado na emissão dos discursos que veiculam os imaginários sociais, do mesmo modo que tentar conservar um certo controle sobre os seus circuitos de difusão¹².

Apesar de não tomar a reflexão de Baczko como referência, podemos perceber na tese de doutorado de Felip Gascón y Martín, dedicada às políticas de comunicação no Chile entre 1967 e 2001 uma linha de raciocínio que se aproxima bastante das preocupações sobre o papel dos meios de comunicação na sociedade¹³. Com foco no rádio e na imprensa, o autor elenca uma série de medidas ligadas aos meios de comunicação durante o período de 1970-1973 e que corresponderiam aos anseios do governo de Salvador Allende, dentre as quais: elevar a consciência política dos setores populares; intensificar a participação destes mesmos setores, de forma que as mudanças políticas promovidas pela UP pudessem obter respaldo junto à sociedade; e a possibilidade do desenvolvimento de empresas sob o controle dos trabalhadores¹⁴.

O autor aponta também a importância de medidas como o controle das tarifas para publicidade em rádios e jornais, a estatização do monopólio da Compañia

¹¹ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. IN: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985. p. 321.

¹² *Ibid.*, p. 313. Sobre dominação simbólica, também cf. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989. p. 7-16.

¹³ GASCÓN Y MARTÍN, Felip. *Transformaciones sociales, redes y políticas de comunicación em Chile (1967-2001)*. Barcelona, 2002. Tese (Doutorado em Jornalismo e Ciências da Comunicação), Departamento de Jornalismo e Ciências da Comunicação, Universidade Autônoma de Barcelona.

¹⁴ *Ibid.*, p. 372-394; p. 378.

Manufacturera de Papeles y Cartones, além da nacionalização da Editorial Zig-Zag, que passa a ser chamada Quimantu, objeto de estudo desta pesquisa. Sobre esta editora, a tese de Gascón y Martín mostra-se bastante informativa, com dados quantitativos ligados à edição de livros e títulos publicados.

A dissertação de Carine Dalmás sobre as Brigas Muralistas caminha em sentido análogo ao afirmar que:

“(…) pelo fato de Salvador Allende defender a via pacífica e democrática para a transição ao socialismo, tornava-se primordial consolidar no poder do Estado uma nova presença ideológica resultante da consciência de classe revolucionária. Esta deveria agir a partir de uma nova cultura que por sua natureza extensiva e global levaria para o conjunto da sociedade uma nova imagem nacional revolucionária. Desta forma, para alcançar a coesão ideológica dos trabalhadores, o Estado recorria às possibilidades de penetração dos partidos de esquerda junto às ‘massas’ para implementarem estratégias de conscientização, pois tomou como prioridade complementar esta difusão ideológica cumprindo de imediato duas metas do programa básico: servir ao povo para demonstrar que o governo era dos trabalhadores e, com isso, contribuir para a unificação ideológica da classe¹⁵”

Apesar de o foco deste trabalho centrar-se a relação entre os muralistas e o governo da UP, Dalmás dedica seu primeiro capítulo a uma análise mais geral de algumas iniciativas voltadas para a cultura no período de 1970-1973 – destacando, ainda que brevemente, a experiência da Editorial Quimantu¹⁶.

Com base na discussão bibliográfica, podemos destacar a relação entre imaginário social e hegemonia. Compreendemos ser o imaginário uma dimensão social privilegiada para a compreensão das disputas entre projetos que se pretendem hegemônicos na sociedade, uma vez que a hegemonia, por não se configurar de forma monolítica, comporta deslocamentos e contradições em sua condição processual, conforme salienta artigo de Dênis de Moraes¹⁷. Após destacar, utilizando-se também de Baczkó, a possibilidade de agenciamento de sentidos presente na imaginação social e que permite a reformulação de caminhos e utopias, Moraes aponta, a partir de Gramsci,

¹⁵ DALMÁS, Carine. *Brigadas muralistas e cartazes de propaganda da Experiência Chilena (1970-1973)*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo. p. 29.

¹⁶ *Ibid.*, p. 17-42.

¹⁷ MORAES, Dênis de. *Imaginário social e hegemonia cultural*. Disponível em: <http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297> (acesso em 30 agosto 2010).

que as disputas pelo poder a partir da sociedade civil e da “guerra de posições” se fazem também no interior dos meios de comunicação:

Devemos analisá-los não apenas como suportes ideológicos dos sistemas hegemônicos de pensamento, mas também como lugares de produção de estratégias que objetivam reformular o processo social. Sem deixar de reconhecer a sistemática reverberação dos discursos dominantes nas mídias, temos que considerar que debates, polêmicas e contradiscursos se manifestam nos conteúdos informativos, ainda que numa intensidade menor do que a desejada, mas em proporção bem maior do que a de décadas atrás. Os aparatos mediáticos não operam *full time* para mascarar fatos ou distorcê-los. Seria menosprezar a percepção da audiência e desconhecer as exigências da febril concorrência no mercado da comunicação. É evidente que nem tudo o que se divulga está contaminado pelas injunções de uma malha ideológica rígida a ponto de fraudar a vida — afinal complexa e diversificada¹⁸.

Moraes termina por destacar que as mídias contemporâneas não podem ser compreendidas como meios fechados, onde seus conteúdos são formulados por cima, impostos para baixo e aceitos por todos. Tal reflexão nos abre caminho para uma série de questões acerca das relações entre contra-hegemonia e mediação cultural estabelecidas por autores como o já citado Antonio Gramsci, mas também Raymond Williams e Jesús Martín-Barbero.

O conceito de *hegemonia* formulado pelo filósofo italiano Antonio Gramsci deve ser compreendido a partir de sua preocupação para compreender as novas configurações sociais que se apresentam para a luta revolucionária das esquerdas pela tomada do poder. De acordo com Gramsci, a “revolução permanente” que tem como marcos os processos revolucionários ligados ao 1789 francês e às agitações de 1848, foi substituída, a partir de 1870, pela presença da hegemonia – ou, nas palavras do autor: “(...) a guerra de movimento torna-se cada vez mais guerra de posição; e pode-se dizer que um Estado vence uma guerra quando a prepara de modo minucioso e técnico no tempo de paz¹⁹”.

¹⁸ MORAES, Dênis de op. cit..

¹⁹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 24. Vale ressaltar que Gramsci aplica esta mudança ao que chama de Ocidente, caracterizado justamente pela presença de uma série de instituições privadas a garantir a hegemonia da classe dominante, ao passo que Oriente se caracterizaria, ao lado de uma fraca sociedade civil, pelo controle do Estado sobre a esfera política. Cf. SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo: Cortez, 2002.

A defesa de um projeto político voltado para a “guerra de posições” consiste, na realidade, em obter o controle sobre algumas das instituições (como a mídia, por exemplo) que permitem o exercício do poder hegemônico de uma classe sobre a outra, ou seja, sem o apelo irrestrito à coerção. É uma ideia de “Estado ampliado” onde, segundo Portelli,

“Gramsci (...) situa o terreno essencial da luta contra a classe dirigente na sociedade civil: o grupo que a controla é hegemônico e a conquista da sociedade política coroa essa hegemonia, estendendo-a ao conjunto do Estado (sociedade civil mais sociedade política). A hegemonia gramsciana é a primazia da sociedade civil sobre a sociedade política²⁰”.

A complexidade que Gramsci observava no contexto que vivia se refletia em sua compreensão da sociedade civil que, hegemonzada pela classe dirigente, permite maior solidez de seu domínio mediante crises e depressões econômicas, pois não restringe o poder do Estado apenas à esfera da sociedade política, ou seja, do poder institucional em si²¹. Com isso, de acordo com Secco em outro trabalho ligado à problemática da crise e da estratégia em Gramsci, as classes populares terminam não só por serem dominadas, mas aceitam e participam do consenso hegemônico²².

O mesmo autor propõe uma ressalva a este quadro que parece configurar poucos espaços para transformações efetivas ao destacar o caráter processual da noção de hegemonia, ou seja, passível de transformações²³. Ora, o próprio Gramsci muito bem destacou, sempre a partir de sua ideia de Estado ampliado, que a guerra de posições deve passar pela tomada de espaços da sociedade civil, ou seja, pela construção de um modelo revolucionário de hegemonia mesmo antes do controle do poder do Estado: “Um grupo social pode e mesmo deve ser dirigente desde antes da conquista do poder

²⁰ PORTELLI, Hughes. *Gramsci e o bloco histórico*. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 78. Essa divisão entre sociedade política e sociedade civil tem caráter meramente analítico, conforme Gramsci ressalta ao caráter o equívoco do “movimento do livre-câmbio” em distingui-las em atividades opostas. Ou seja, mesmo em períodos de poder claramente hegemônico exercido pela sociedade civil, a força ainda se faz necessária para justificá-lo. Cf. GRAMSCI, Antonio. *Op. cit.* p. 47; 95.

²¹ GRAMSCI, Antonio. *Op. cit.* p. 73; SECCO, Lincoln. *Op. cit.* p. 104-105.

²² SECCO, Lincoln. Crise e estratégia em Gramsci. IN: DIAS, Edmundo Fernandes (et alli.). *O outro Gramsci*. Xamã, 1996. p. 84.

²³ *Ibid.* p. 89-93.

governamental (é uma das condições principais para a própria conquista do poder)²⁴.”

Raymond Williams destacou muito bem esta possibilidade:

“A realidade de qualquer hegemonia, no sentido político e cultural ampliado, é de que, embora por definição seja sempre dominante, jamais será total ou exclusiva. A qualquer momento, formas de política e cultura alternativas, ou diretamente opostas, existem como elementos significativos na sociedade (...). a ênfase política e cultural alternativa, e as muitas formas de oposição e luta, são importantes não só em si mesmas, mas como características indicativas daquilo que o processo hegemônico procurou controlar, na prática²⁵”.

Com isso, as disputas pelos imaginários sociais relacionam-se diretamente, conforme aponta Moraes em artigo discutido anteriormente, com a presença de projetos hegemônicos e contra-hegemônicos no seio da sociedade. Desta forma, eles procuram articular representações tendo em vista o consenso, mas não isento de resistências e ambiguidades²⁶.

3. Quadrinhos no Chile

Mais especificamente ligada a Editora Quimantu e seu papel na sociedade chilena, temos a importante pesquisa de Marcela Angelica Neira Hurtado, resultado de trabalho de conclusão de curso em desenho gráfico pela Universidade do Chile²⁷. Seu objeto de estudo é a trajetória da editora Zig-Zag, comprada em 1971 durante o governo Salvador Allende e que passa a se chamar Quimantu – tema do terceiro capítulo de seu trabalho, ao lado da sua “versão ditatorial”, a Editorial Nacional Gabriela Mistral, que substituiu a Editorial Quimantu após a derrubada de Allende pelo golpe civil-militar²⁸.

A pesquisa apresenta um conteúdo marcadamente factual e descritivo, mas que será importante pela sistematização de informações acerca das editoras nela presente,

²⁴ Apud. PORTELLI, Hughes. *Op. cit.* p. 84.

²⁵ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. p. 116.

²⁶ SODRÉ, Muniz. O jogo contra-hegemônico do diverso. In: COUTINHO, Eduardo Granja (org.). *Comunicação e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2008. p. 27.

²⁷ HURTADO, Maria Angelica Neira. *Zig-Zag: un gigante de papel*. Dezembro de 2005. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Desenho Gráfico). Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad de Chile.

²⁸ *Ibid.*, p. 54-58.

para além dos quadrinhos (revistas de cinema, educação e esportes, por exemplo). Além disso, sua análise gráfica do conteúdo merece destaque, e pode servir também como referência para as discussões ligadas às análises das HQs publicadas pela Quimantu.

Desde os primeiros anos de publicação de “historietas” no Chile, observa-se amplo predomínio de publicações estrangeiras como *Dick Tracy*, *Batman* e *Tarzan*, além das HQs²⁹ do universo Disney. Durante os anos 1950 e 1960 temos a chamada “época de ouro” para os quadrinhos chilenos, onde constatamos a consolidação, ao lado dos *comics* norte-americanos, de personagens chilenos hoje considerados verdadeiros clássicos do gênero no país como *Pepe Antártico*, de Percy, e *Condorito*, de Pepo, entre outros. Predominam aqui as HQs voltadas para o humor e o público jovem, seguindo a linha dos *comics*, entre as quais destacavam-se aquelas lançadas pela Editorial Zig-Zag, fundada no início do século XX e principal editora voltada para este segmento de mercado. Outra editora que merece destaque foi a Lord Cochrane; além disso, veiculavam-se *historietas* em jornais como *El Mercurio* e *La Union*.

A segunda metade dos anos 1960 apresenta uma “invasão” de quadrinhos estrangeiros ligados aos personagens de Walt Disney, mas também a países como o México³⁰. A TV, que começa a atingir públicos maiores a partir deste período³¹, será um elemento importante neste processo: espalham-se as revistas de fotonovelas envolvendo personagens de sucesso da televisão no momento – ainda que nem sempre bem recebidas pelo grande público.

Será neste período que os quadrinhos se consolidam como linguagem dotada de especificidades próprias, propiciando um meio de sobrevivência para seus desenhistas e roteiristas. Com a chegada da Unidad Popular (UP) ao poder e sua preocupação em utilizar-se da mídia para divulgar para o conjunto da sociedade chilena suas medidas e iniciativas e combater os setores oposicionistas³², os quadrinhos atingiram um grau de

²⁹ Sigla para “histórias em quadrinhos” e que será eventualmente utilizada ao longo do texto.

³⁰ O consumo latino-americano de quadrinhos não se restringia aos limites de cada país – com exceção do Brasil. Uma editora como a Zig-Zag exportava quadrinhos para Colômbia e Argentina, por exemplo.

³¹ ACUÑA, Fernando (org.). *Los primeros 50 años de la televisión chilena*. Santiago: Impresión Printer, 2007.

³² Cf. BUCKMAN, Robert T. Birth, death, and resurrection of press freedom in Chile. In: COLE, Richard (org.). *Communication in Latin America: journalism, mass media, and society*. Wilmington: Jaguar Books/Scholarly Resources, 1996. p. 155-169. GASCÓN Y MARTÍN, Felip. *Transformaciones sociales, redes y políticas de comunicación em Chile (1967-2001)*. Barcelona, 2002. Tese (Doutorado em Jornalismo e Ciências da Comunicação), Departamento de Jornalismo e Ciências da Comunicação, Universidade Autônoma de Barcelona. p. 372-394. DALMÁS, Carine. *Brigadas muralistas e cartazes de*

importância social ainda maior. Levava-se em conta sua função didática, a articular de forma simples os valores defendidos pela UP e a sociedade chilena.

Em fevereiro de 1971, a Editorial Zig-Zag vende seus ativos ao governo, dando origem à estatal Quimantu Editorial, que significa “sol do saber” em mapuche. Zig-Zag passa a ser uma entidade privada e cliente da Quimantu, passando a utilizar as impressoras desta para prosseguir com suas publicações. As revistas em quadrinhos até então da Zig-Zag e compradas pela Editorial Quimantu foram: *Hechos Mundiales, Estadio, Confidencias, Telecran, Saber Comer, Far West, Jinete Fantasma, Espía 13, El Siniestro Doctor Mortis, Intocable, Jungla, Agente Silencio, Guerra...! y 5 por Infinito*. A Editorial Zig-Zag, por sua vez, seguiria com os títulos *Disneylandia, Fantasías, Tío Rico, Tribilín, Ercilla, Vea, Rosita y Condorito*. *



Anúncio publicado na revista de Jungla sobre o personagem “El Manque”, da revista “El Jinete Fantasma”,

A Editorial Quimantu servirá aos intentos da Unidad Popular, que postulavam serem:

Os meios de comunicação massiva (rádio, editoriais, televisão, imprensa, cinema) (...) fundamentais para ajudar na formação de uma nova cultura e de um homem novo. Por eles, deve-se imprimir-lhes uma orientação educativa e livrá-los de seu caráter comercial, adotando as medidas para que as organizações sociais disponham de esses meios, eliminando a presença nefasta dos monopólios³³.

Outros títulos que serão lançados pela Quimantu merecem destaque, como *La Firme*, revista diretamente comprometida com os ideais da Unidad Popular e que ensinava, dentre outras, a organizar sindicatos e grêmios e fomentava a difusão de seu material para outros leitores; e *Cabrochico, una revista para el niño de hoy*, que contou com Patricio García como editor e preocupava-se em romper com a alienação presente nas publicações voltadas aos jovens, sempre a estimular o consumo e o gosto pelo dinheiro.

Esta mesma verve crítica norteia os conhecidos trabalhos de autores como Ariel Dorfman, Armand Mattelart e Manuel Jofré. Tanto em *Para ler o Pato Donald*³⁴ quanto em *Super-homem e seus amigos do peito*³⁵, observamos a crítica ideológica aos quadrinhos estrangeiros que valorizam a ambição, a competição e a individualidade. Estes livros serão abordados também como fontes nesta pesquisa posteriormente.

No ano seguinte à obtenção da Zig-Zag pelo governo, as revistas em quadrinhos, agora sob controle da Editorial Quimantu, sofrem importantes mudanças editoriais, das quais é importante destacar o estímulo da participação popular para definir os rumos de cada *historieta*. Além disso, editava-se o material estrangeiro que contivesse “conotação negativa”, “ofensivas ou perturbadoras”. Este quadro geral desenvolve-se até setembro de 1973, quando um golpe civil-militar derruba o governo de Salvador Allende e da Unidad Popular do poder – mas este é um contexto que ultrapassa os objetivos desta proposta de pesquisa.

³³ TAUFIC, Camilo apud. GASCÓN Y MARTÍN, Felip. *Op.cit.* p. 375 (tradução minha).

³⁴ DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. *Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e imperialismo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

³⁵ DORFMAN, Ariel; JOFRÉ, Manuel. *Super-homem e seus amigos do peito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

4. Considerações preliminares

Destacar o papel das publicações veiculadas por grandes editoras e seu papel na constituição de uma “prática de leitura” será importante para escapar de qualquer possibilidade de qualquer espécie de “teoria do reflexo”, que avaliaria as produções culturais como diretamente correspondentes, em toda a complexidade presente nas articulações entre forma e conteúdo, aos interesses de determinados grupos. Afinal, como ignorar legados dos quadrinhos, como sua linguagem específica, consolidada no meio das disputas editoriais entre dois jornais norte-americanos, ou seus personagens que cativaram os públicos brasileiro e chileno serem ligados a um modelo de distribuição internacional de *comics* que tendia a minar a concorrência da produção local? As editoras CETPA e Quimantu terão de dialogar de alguma forma com a produção corrente e com as práticas da linguagem dos quadrinhos já correntes entre seus leitores. A noção de *mediação*, conforme desenvolvidas por Raymond Williams e Jesús Martín-Barbero, pode servir de auxílio para analisar tal quadro.

Williams destaca as conexões diretas entre sociedade e cultura ao opor-se a uma teoria da arte que veria a produção cultural sob a responsabilidade, para ou para o mal, de refletir a sociedade. A impossibilidade disso se daria em virtude do fato de todo artefato cultura sofrer mediações em sua própria constituição ou, de acordo com o autor: “Todas as relações ativas entre diferentes tipos de ser e consciência são antes inevitavelmente medidas, e esse processo não é uma agência separável – um meio – mas intrínseco às propriedades dos tipos correlatos. A ‘mediação’ está no objeto em si (...)”³⁶.

Como a linguagem encontra-se indissolivelmente ligada a todo e qualquer ato social realizado, combater a teoria do reflexo significa problematizar a supressão do trabalho real no material que constitui toda a obra de arte, prerrogativa cara a esta teoria³⁷. Destaca-se o caráter processual da cultura, o que se adéqua bastante às fontes desta pesquisa, que são revistas seriadas, de publicação mensal, em geral, conforme defende Jesús Martín-Barbero, ao falar sobre a televisão, mas perfeitamente aplicável aos quadrinhos:

³⁶ WILLIAMS, Raymond. *Op. cit.* p. 101-102.

³⁷ WILLIAMS, Raymond. *Op. cit.* p. 100.

“As mediações são esse lugar de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais mas também sim a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver³⁸”

Referências

- ACUÑA, Fernando (org.). *Los primeros 50 años de la televisión chilena*. Santiago: Impresión Printer, 2007
- BACKZO, Bronislaw. Imaginação social. IN: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985.
- BETHELL, Leslie (org.). *Chile since independence*. 3ª edição. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL. 1989.
- BUCKMAN, Robert T. Birth, death, and resurrection of press freedom in Chile. In: COLE, Richard (org.). *Communication in Latin America: journalism, mass media, and society*. Wilmington: Jaguar Books/Scholarly Resources, 1996.
- CASTRO, Cristian Eric Díaz. La historieta en Chile (3). *Revista Latinoamericana de Estudios sobre la Historieta*, v. 2, n. 7, set. 2002. p. 153-176.
- _____. La historieta en Chile (4). *Revista Latinoamericana de Estudios sobre la Historieta*, v. 2, n. 8, dez. 2002. p. 219-239.
- _____. La historieta en Chile (5). *Revista Latinoamericana de Estudios sobre la Historieta*, v. 3, n. 9, mar. 2003. p. 1-40
- COX, Elizabeth. Latin America broadcasting. In: BETHELL, Leslie. *The Cambridge history of Latin America*. Volume 10: ideas, culture and society. 2ª edição. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DALMÁS, Carine. *Brigadas muralistas e cartazes de propaganda da Experiência Chilena (1970-1973)*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo
- DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. *Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e imperialismo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

³⁸ MARTÍN-BARBERO, Jesús; MUÑOZ, Sonia (orgs.). *Televisión y Melodrama*. Bogotá: Tecer Mundos, 1992. p. 20. (tradução minha). O trabalho clássico sobre o tema é MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 6ª edição: Ed.UFRJ, 2009.

- DORFMAN, Ariel; JOFRÉ, Manuel. *Super-homem e seus amigos do peito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GASCÓN Y MARTÍN, Felip. *Transformaciones sociales, redes y políticas de comunicación em Chile (1967-2001)*. Barcelona, 2002. Tese (Doutorado em Jornalismo e Ciências da Comunicação), Departamento de Jornalismo e Ciências da Comunicação, Universidade Autônoma de Barcelona.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: Maquiavel, notas sobre o Estado e a política*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- HURTADO, Maria Angelica Neira. *Zig-Zag: un gigante de papel*. Dezembro de 2005. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Desenho Gráfico). Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad de Chile.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 6ª edição: Ed.UFRJ, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; MUÑOZ, Sonia (orgs.). *Televisión y Melodrama*. Bogotá: Tecer Mundos, 1992.
- MORAES, Dênis de. *Imaginário social e hegemonia cultural*. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297> (acesso em 30 agosto 2010).
- PORTELLI, Hughes. *Gramsci e o bloco histórico*. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- SECCO, Lincoln. Crise e estratégia em Gramsci. IN: DIAS, Edmundo Fernandes (et alli.). *O outro Gramsci*. Xamã, 84.
- SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SODRÉ, Muniz. O jogo contra-hegemônico do diverso. In: COUTINHO, Eduardo Granja (org.). *Comunicação e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2008.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.